

**COMPORTAMENTO DE PESSEGUEIROS NO OESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO:
ASPECTOS FENOLÓGICOS E ABORTO DE FRUTOS**

Sônia Maria Nalesso Marangoni Montes[1]

Dr., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

soniamontes@apta.sp.gov.br

Aparecida Conceição Boliani

Dr. Professora da FEIS/UNESP

boliani@agr.feis.unesp.br

Adalton Raga

Dr, PqC do Instituto Biológico/APTA

adalton@biologico.sp.gov.br

Pedro César dos Santos

Dr. Professor da FEIS/UNESP

santospc@agr.feis.unesp.br

Luiz de Souza Correa

Professor da FEIS/UNESP

lc Correa@agr.feis.unesp.br

O Estado de São Paulo apresentou, em 2006, uma produção de 44.370 t de pêssegos em uma área de 2.101 ha (IBGE, 2008) destinada basicamente ao consumo in natura. A partir da década de 1970, passou a contar com maior número de variedades de pêssegos adaptados às condições de clima subtropical, oriundas de trabalho de melhoramento genético realizado pelo IAC.

Os trabalhos sobre fenologia do pessegueiro no Brasil constituem-se em contribuições valiosas, entretanto, seus resultados não devem ser extrapolados de uma região para outra.

Para Simão (1998), o problema básico do pessegueiro reside na adaptabilidade da variedade às condições ecológicas. Essas condições variam de região para região, razão pela qual as variedades de pessegueiro são regionais, exigindo temperatura mínima adequada durante o período de dormência para que possam florescer e vegetar.

Este artigo tem como objetivo avaliar a fenologia e o abortamento dos frutos das cultivares de pessegueiros, de modo a dispor informações que possam subsidiar o desenvolvimento da cultura do pessegueiro, como uma opção diferenciada para a fruticultura regional.

O experimento foi conduzido em um pomar de pessegueiros do Pólo Regional Alta Sorocabana-APTA, município de Presidente Prudente, São Paulo, situado à latitude de 22°11'S e longitude 51°23'W, a uma altitude de 424,29 m.

As características fenológicas estudadas foram: florescimento, frutificação e colheita. Para a determinação da fenologia e índice de aborto dos frutos, foram escolhidos cinco ramos/planta/cultivar em cada unidade experimental. Para avaliação do pleno florescimento, realizou-se a contagem do número de gemas floríferas e considerou-se pleno florescimento quando 50% das gemas estavam abertas. Para o estágio de início da frutificação, considerou-se 15 dias após a queda das pétalas, permitindo a medida de 25 frutos/planta/cultivar marcados.

Análise dos resultados

Duração dos estádios fenológicos

Os estádios fenológicos das cultivares Talismã, Aurora 2, Doçura 2, Tropical, Dourado 2 e Aurora 1, em 2006, estão representados na Figura 1. O pleno florescimento das cultivares ocorreu de 5 a 8 dias após o início do florescimento em 5 das cultivares avaliadas, exceto para Talismã, com duração de 12 dias.

O intervalo entre a quebra da dormência e o início da frutificação variou entre as cultivares, com 39 dias para Aurora 2, Tropical, Doçura 2 e Aurora 1, e um período maior para Talismã e Dourado 2, de 47 dias em média.

Do florescimento ao início da frutificação, decorreram 20 dias para Tropical e Aurora 1, 12 dias para Aurora 2, Doçura 2 e Dourado 2 e 8 dias para Talismã.

O período entre o início da frutificação e a colheita dos frutos foi de 61 dias para Aurora 1, 62 dias para Tropical, 89 dias para Doçura 2, 84 dias para Dourado 2, 91 dias para Aurora 2 e 92 dias para Talismã.

O ciclo das cultivares da quebra da dormência até o final da colheita foi de 100 dias para Tropical e Aurora 1, com comportamento precoce, 128-131 dias para Aurora 2, Dourado 2 e Doçura 2, comportamento mediano e 139 dias para Talismã, com comportamento de produção tardio.

Os dados obtidos no presente estudo apresentam uma duração do ciclo menor do que aqueles citados por Pereira, Nachtigal e Roberto (2002), indicando que o ciclo das cultivares pode ser influenciado pelas condições climáticas. Considerando-se esta característica de menor ciclo, a produção nesta região ocorre no período de entressafra da produção no Estado, possibilitando, ao produtor um retorno maior.

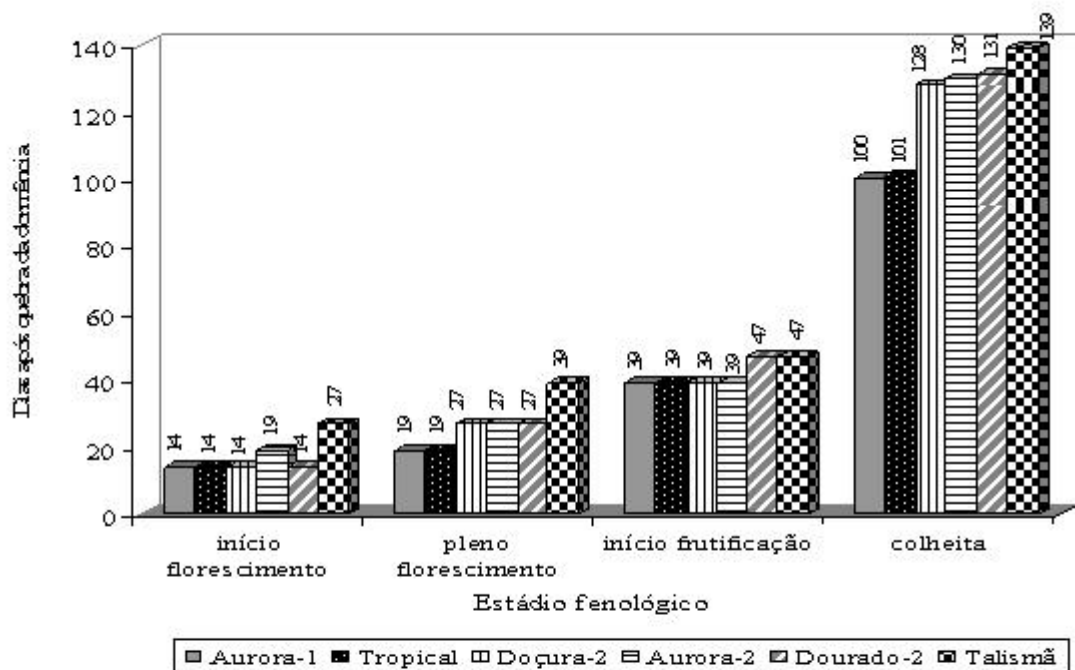


FIGURA 1 – Duração dos estádios fenológicos: início e pleno florescimento, início da frutificação, colheita das cultivares.

P. Prudente, SP. 2006.

Percentagem de aborto de frutos

A percentagem de aborto de frutos foi inferior a 50% para a maioria das cultivares avaliadas, com valores de 48 % para Tropical, 36 % para Aurora 2 e Talismã e 28 % para Dourado 2, Doçura 2 e Aurora 1 (Figura 2).

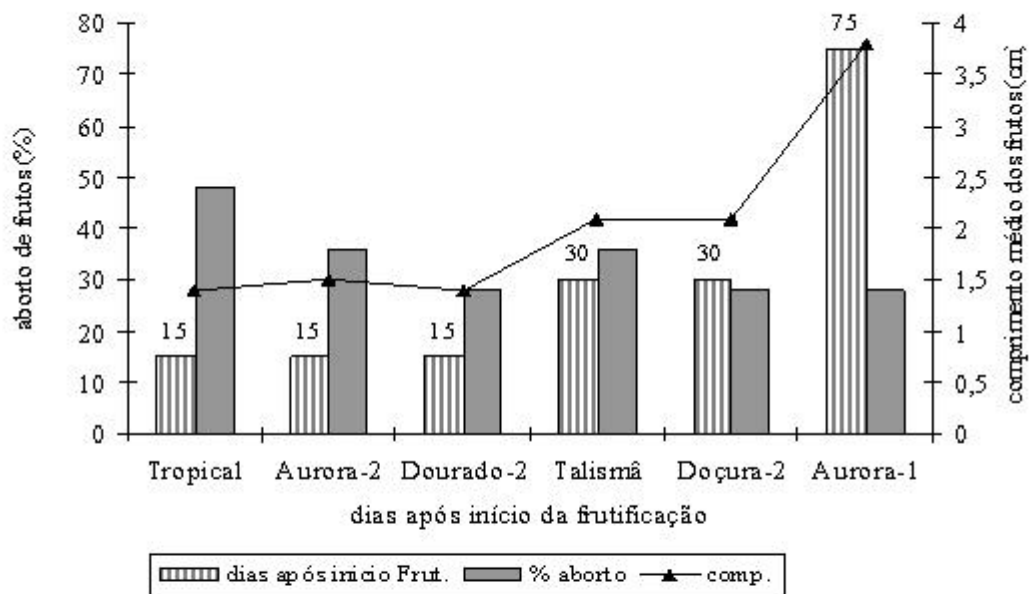


FIGURA 2 – Ocorrência de aborto dos frutos da Tropical, Aurora 2, Dourado 2, Talismã, Doçura 2 e Aurora 1. P. Prudente, SP. 2006.

A maior ocorrência de aborto dos frutos foi aos 15 dias após a queda das pétalas para Tropical, Dourado 2 e Talismã, com comprimento aproximado de 1,5 cm; aos 30 dias para Aurora 2 e Doçura 2, com 2,0 cm e aos 75 dias para Aurora 1, com 3,5-4,0 cm. Segundo Barbosa et al. (1990), as cultivares mais prolíferas atingem um pegamento de frutos de 40 %.

Os resultados obtidos indicam necessidade de criteriosa análise para realização de raleio dos frutos, uma vez que algumas cultivares apresentaram um índice de aborto entre 48 e 50% .

Referências

BARBOSA, W.; CAMPO-DALL'ORTO, F. A.; OJIMA, M.; SAMPAIO, V. R.; BANDEL, GERHARD. **Ecofisiologia do desenvolvimento vegetativo e reprodutivo do pessegueiro em região subtropical**. Instituto Agrônomo: Campinas, 1990. 37p. (Documentos IAC, 17).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006, Disponível em <http://www.sidra.ibgfe.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?>>. Acesso em: 03 jan 2008.

PEREIRA, F. M.; NACHTIGAL, J. C.; ROBERTO, S. R. **Tecnologia para a cultura do pessegueiro em regiões tropicais e subtropicais**. Jaboticabal: FUNEP, 2002. 61p.

SIMÃO, S. **Tratado de fruticultura**. Piracicaba: FEALQ, 1998. cap.15. p.651-679.

[1] **AGRADECIMENTOS** – À FAPESP- Auxílio à pesquisa (Processo 05/55649-5).